

## **THE GREAT GATSBY: PERSONAGENS, ESPAÇO E O SONHO AMERICANO**

### **THE GREAT GATSBY: CHARACTERS, SPACE, AND THE AMERICAN DREAM**

Loiva Salete Vogt<sup>1</sup>

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** O presente artigo analisa o romance *The Great Gatsby* (1925) de F. Scott Fitzgerald no que tange à construção identitária de personagens em relação à organização do espaço na narrativa. Observa-se que, pela focalização do narrador Nick, o protagonista Jay Gatsby incorpora o chamado Sonho Americano que estava associado à necessidade de aquisição de bens materiais na década de 20. Gatsby, porém, alia esse aspecto ao desejo de conexão a uma aura pastoral através de uma projeção patriarcal e idealizada em relação à personagem Daisy. Nick percebe a impossibilidade de concretização do desejo de Gatsby por sua desconexão com a materialidade discursiva. Argumenta-se, no artigo, que o espaço do Sonho está relacionado a um idealizado passado nacional na mesma medida em que é projetado como um objetivo a ser alcançado por Gatsby. Desenvolve-se a constatação de que o romance utiliza a categoria do espaço associado a uma temporalidade imutável através de um sistema em que o pertencimento de personagens a locais geográficos determina suas relações de poder, molda suas potencialidades, bem como, determina suas formações identitárias de modo irrevogável na narrativa. Por fim, esse pertencimento determina seus destinos ao demandar a fixação de um determinado discurso que os liga à organização do espaço projetado no território nacional americano.

**Palavras-chave:** Sonho Americano; Personagens; Espaço; *The Great Gatsby*.

**Abstract:** This article analyzes F. Scott Fitzgerald's novel *The Great Gatsby* (1925) concerning the identity construction of characters within the organization of space-time in the narrative. It is observed that, according to the focalization of the narrator Nick, the protagonist Jay Gatsby embodies the so-called American Dream that was associated with a need to acquire material goods in the 1920s. However, Gatsby combines this aspect with the desire to connect to a pastoral aura through a patriarchal and idealized projection on the character Daisy. Nick realizes the impossibility of fulfilling Gatsby's desire for disconnection with discursive materiality. It is argued in the article that the Dream space is related to an idealized national past to the same extent that it is projected as an objective to be achieved by Gatsby. There is the realization that the novel uses the category of space associated with an immutable temporality through a system in which the belonging of characters to geographic locations determines their power relations, shapes their potentialities, as well as determines their identity formations in an irrevocable way in the narrative. Finally, this belonging determines their destinies. It demands the fixation of a determined discourse which links them to the space organization projected of the U.S. national territory.

**Keywords:** American Dream; Characters; Space; *The Great Gatsby*.

---

<sup>1</sup>Doutoranda de Literatura Comparada da UFRGS, Mestre em Letras e Licenciada em Letras: Português, Inglês e Literatura pela mesma universidade. Docente do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Câmpus Feliz. Email: loiva.vogt@feliz.ifrs.edu.br.

## Introdução

O Sonho Americano é uma ideia de origem puritana<sup>2</sup> que engloba determinada projeção a respeito da natureza territorial americana. Envolve a busca por riqueza material e espiritualidade em um imaginário de excepcionalidade e superioridade presente na formação identitária coletiva da nação americana. Era o desejo dos primeiros peregrinos puritanos que colonizaram os Estados Unidos da América em busca de um espaço de liberdade religiosa. A percepção de que a terra já estava ocupada por indígenas apenas instigava o desejo de conquista e colonização. Posteriormente, Benjamim Franklin incorporou a ideia de progresso, de igualdade de oportunidades para todos os cidadãos (brancos de origem europeia), até que Thomas Jefferson adicionou a idealização de uma nação agrária, enfatizando um imaginário pastoral<sup>3</sup> de refúgio na natureza. A vida dos pastores era considerada mais tranquila do que o ambiente urbano, desse modo, os “poetas da Era Dourada decidiram apresentar suas personas, de onde derivaram o nome de pastoral” (MURRAY, 1978, p. 111, trad. livre).

Foi nesse período em que a chamada “conquista do Oeste” foi propulsionada como modo de levar o progresso tecnológico a uma região com vastos recursos naturais, pronta para ser ocupada e explorada. No imaginário do povo, a divisão geográfica do país em Leste e Oeste levou a uma divisão simbólica de pertencimentos com valores distintivos relacionados ao espaço nacional. Isso significa que aos novos imigrantes e colonizadores era indicado o espaço oeste no mapa nacional. Com o final do século XIX, a ideia do excepcionalismo, do espírito aventureiro americano foi propagada com o intuito de instigar a busca por novos territórios além-mar. Nesse período, o Sonho Americano estava solidamente associado a recursos materiais.

Ao final da primeira guerra, foi percebida uma grande lacuna entre a luta por esses recursos e o idealismo da igualdade de oportunidades em relação ao território nacional. Nesse contexto, surgiu a publicação da obra literária *The Great Gatsby* que alia a organização espaço-temporal da narrativa a uma projeção do Sonho Americano na

---

<sup>2</sup> O Puritanismo foi um movimento surgido na Inglaterra no século XVII que rejeitava aspectos da Igreja Romana e da Anglicana. Os puritanos pretendiam “purificar” a igreja, acreditavam que eram o “povo eleito” por Deus para criar uma nova religião. Foram perseguidos na Inglaterra, motivo pelo qual partiram para colonizar a América em busca do território ideal para desenvolverem suas crenças religiosas. O primeiro grupo, liderado por John Winthrop teria chegado às colinas da chamada “Nova Inglaterra” em 1630 (BERCOVITCH, 2012, p. 34).

<sup>3</sup> Durante o século XVII, *O Paraíso Perdido* de Milton e *O Jardim* de Marvell eram famosos poemas pastorais. A era elisabetana na América era representada por uma imagem de terra virgem, com uma natureza intocada pela história que se tornaria um imenso jardim de incrível abundância. Com o advento da industrialização e a necessidade de formar um novo imaginário, o sonho pastoral foi renovado e projetado para o futuro (BERCOVITCH, 2012, p. 110).

mesma proporção em que reproduz binarismos de gênero e preconceitos associados à formação identitária de determinados personagens.

### 1. Gatsby e o espaço do Sonho

No enredo do romance, temos a focalização de Nick, o narrador-testemunha de classe média-alta que aluga uma casa em Long Island, no nordeste do país, perto da residência dos Buchanan que fica em *East Egg*, espaço reservado à elite aristocrática.<sup>4</sup> Embora a narrativa esteja fixada em locais com nomes imaginários, percebe-se traços que indicam o Estado de Nova York como o espaço geográfico referenciado. Nick, investidor da bolsa de valores, é primo de Daisy que, há cinco anos, casara-se com Tom Buchanan para supostamente manter seu *status*, embora tenha se apaixonado por Gatsby, na época, um soldado desconhecido com quem tivera um breve *affair* antes de sua partida para a guerra. O protagonista do romance jamais a esquecera e depositava nela seu desejo de, após vencida a guerra, retornar e oficializar seu relacionamento, o que também implicava pertencer ao universo e ao espaço que ela ocupava na sua projeção social. A categoria de espaço, no romance, atende ao conceito de “lugar praticado”, desenvolvido por Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano* (1998). Para o autor, o espaço é percebido a partir da apropriação que dele é feita pelos indivíduos que o habitam. A sua significação depende das relações estabelecidas com outros espaços e dos movimentos desses sujeitos no espaço. Desse modo, o sentido de cada local representado depende das relações semióticas estabelecidas com os personagens que ali habitam, com destaque para a forma com que se percebem pertencentes, ou não, a cada local.

Nesse contexto, Gatsby tenta alcançar o espaço reservado para a elite americana, ou seja, tenta fazer parte de *East Egg*. Para tanto, acredita na necessidade de “recriar” seu passado, indicando seu pertencimento a um espaço social semelhante. Porém, ao voltar da guerra, descobre que sua amada Daisy, representante de *East Egg*, casara-se com Tom, um *playboy* de origem aristocrata. Gatsby, o legítimo *self-made-man*<sup>5</sup>, percebe o espaço de seu Sonho ameaçado e envolve-se no contrabando de bebidas, o que possibilita a sua ascensão financeira. Seu enriquecimento ilícito permanece oculto na narrativa, o que cria curiosidade no(a) leitor(a) a respeito de seu

<sup>4</sup> No lado oposto de *East Egg*, encontra-se *West Egg*, espaço reservado para os novos ricos, a classe média e alta, os burgueses com dinheiro, mas sem *status*.

<sup>5</sup> O homem que constrói a si mesmo usando meios lícitos e ilícitos.

passado, de suas intenções e suspeitas quanto à origem de seu dinheiro. Na medida em que a narrativa é conduzida pelo olhar de Nick, descobre-se que Gatsby alugara uma imensa mansão em *West Egg* e arquiteta um plano para reconquistar Daisy com a ajuda do recém conhecido Nick.

Francis Scott Fitzgerald constrói o romance *The Great Gatsby* refletindo sobre a presença de imigrantes na configuração do espaço urbano da América na década de 20. Por um lado, apresenta o medo da perda de “fronteiras” que separam o espaço reservado aos antigos anglo-saxões americanos dos novos ricos. Na narrativa, os ideais burgueses e pastorais estão conectados na configuração identitária do protagonista Jay Gatsby. Nesse aspecto, o romance cria um imaginário dual na representação do Sonho Americano, ou seja, a idealização amorosa de Gatsby por Daisy é também a projeção de um desejo de sucesso financeiro, requisito necessário para ocupar o espaço social que almeja. Daisy representa metonimicamente “o peito verde e fresco do Novo Mundo” <sup>6</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 187, trad. livre). A cor verde apresenta vários sentidos na obra, dentre eles, a natureza, o dinheiro, a imaturidade ingênua, o sinal de ir em frente. O efeito da atmosfera mística criada na narrativa associa o Sonho a um espaço atemporal, como uma imagem que se mantém em uma repetição histórica infinita ligada ao desejo de conquistar a terra prometida: “[...] a lua brilhava mais alto, as casas sem essência começavam a derreter, até que gradualmente eu percebi a velha ilha que florescera certa vez para os navegadores holandeses” <sup>7</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 187, trad. livre). Daisy, cujo nome significa “margarida”, representa, assim, uma flor, a natureza, o ideal pastoral pueril supostamente encontrado no território americano pelos primeiros imigrantes.

O romance é constituído seguindo o modelo edipiano em que as diferenças de gênero na constituição de Gatsby e Daisy são expressas do seguinte modo: o masculino-humano-herói e sujeito, associado ao tempo móvel percebe no feminino a representação do objeto a ser alcançado. O feminino está associado ao espaço, ao território, ao obstáculo, à fronteira. Nesse sentido, o herói cruza as fronteiras temporais e penetra no espaço. Desse modo, ele é constituído como o “princípio masculino e ativo da cultura” (LAURETIS, 1987, p. 119, trad. livre). “Gatsby surgiu de um platônico conceito de si

---

<sup>6</sup> “a fresh, green breast of the New World”.

<sup>7</sup> “[...] the moon rose higher, the inessential houses began to melt away, until gradually I became aware of the old island that flowered once for Dutch sailors”.

mesmo”<sup>8</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 105, trad. livre). Por outro lado, o feminino é um elemento de resistência, espaço a ser conquistado. Frente a esse espaço, Gatsby percebe a luz verde, a cor associada ao dinheiro e ao sinal de ir em frente:

Gatsby acreditara na luz verde, na orgia de um futuro que ano após ano aparece em nossa frente. Ele nos ilude, mas não há outra maneira, amanhã nós iremos correr mais rápido, esticar nossos braços ainda mais [...] Assim nós lutamos mais, botes contra a correnteza, nascendo de volta incessantemente no passado<sup>9</sup> (FITZGERALD, 1925, p.188, trad. livre).

Metaforicamente, Gatsby assume uma dimensão atemporal, é o herói que se sacrifica, que entrega seu corpo e sua alma para resgatar o Sonho Americano e mantê-lo vivo. O Sonho “renascerá” pois aparece associado ao passado idealizado e sacralizado que se repete no imaginário: “Ele era um filho de Deus, [...] e ele devia estar a serviço dos negócios de seu Pai, a serviço de uma vasta, vulgar e meretriz beleza [...]”<sup>10</sup> (FITZGERALD, 1925, p.105, trad. livre). O texto marcado por metáforas e símbolos, repleto de julgamentos morais provenientes de um autor, filho de uma elite conservadora, indica o Deus do dinheiro como o pai simbólico de Gatsby. A formação identitária do protagonista está marcada pela obsessão pelo acúmulo de bens materiais e pelo desejo de pertencimento a um espaço reservado para a elite.

Por outro lado, Daisy representa a possibilidade de passagem para esse espaço na cúpula social. Quando Nick menciona Daisy descrevendo sua voz, ele diz: “[...] havia uma excitação na voz dela que os homens que se importavam com ela achavam difícil de esquecer, uma compulsão cantante, um sussurro de ‘ouça’ [...] A voz dela era cheia de dinheiro”<sup>11</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 15, trad. livre). Nesse sentido, é possível observar que ela representa a “escada” que Gatsby imagina ser possível subir para alcançar seu “paraíso”. Quando a conhecera em um evento beneficente ocorrido na casa dos pais dela antes de sua partida para a guerra, ambos caminhavam em direção ao jardim. Gatsby imaginara:

Além da curva de seu olho, Gatsby viu que os blocos da calçada realmente formavam uma escada que levava a um lugar secreto acima das árvores- ele

---

<sup>8</sup> “*Gatsby sprang from his Platonic conception of himself*”.

<sup>9</sup> “*Gatsby believed in the green light, the orgiastic future that year by year recedes before us. It eluded us then, but that’s no matter, tomorrow we will run faster, stretch out our arms further [...] So we beat on, boats against the current, borne back ceaselessly into the past*”.

<sup>10</sup> “*He was a son of God [...] and he must be about His Father’s business, the service of a vast, vulgar, and meretricious beauty [...]*”.

<sup>11</sup> “[...] *there was an excitement in her voice that men who had cared for her find difficult to forget, a singing compulsion, a whispering [...] Her voice was full of money*”.

poderia trepá-la se ele trepasse sozinho, e uma vez lá, ele poderia sugar do néctar da vida <sup>12</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 117, trad. livre).

O narrador Nick alerta o(a) leitor(a) quanto à irrealidade de alcance do desejo de Gatsby, pois, ao analisar o contexto em que está inserido, a sociedade americana da década de 20 do século passado, sente-se “indignado pelos excessos, pela decadência dos valores morais” (VOGT, 2019, p. 412). Nick não somente assiste como também participa das imensas festas oferecidas na residência de Gatsby que, na ânsia por mostrar seu sucesso financeiro, esbanja seus proventos convidando toda a vizinhança, o que inclui Nick e a família Buchanan. Nick comove-se e percebe em Gatsby um idealismo romântico e ingênuo no momento em que reconhece o significado das festas como parte de uma estratégia para que Daisy veja seu sucesso e arrependa-se pelo casamento com Tom. Nos termos de Nick, Gatsby “sacrifica” seu dinheiro, constrói seu castelo imaginário nas asas de uma fada, ou seja, acredita no excepcionalismo e no Sonho Americano.

Por outro lado, as mulheres, no romance, são caracterizadas por uma associação ao negativo, à degradação moral. Enquanto Gatsby é idealizado, Daisy é condenada na percepção patriarcal e materialista de Nick, na qual ela também é um objeto: “[...] quão grotesca uma rosa poderia ser” <sup>13</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 186, trad. livre). O romance nos leva à constatação de que o Sonho Americano impele o indivíduo em direção a uma promessa de satisfação futura, mas também leva à melancolia, à nostalgia em relação a um passado idealizado, expresso na narrativa como o momento em que Gatsby, durante o processo de sua construção identitária, conhecera Daisy e percebera nela a possibilidade de concretização de uma promessa de um futuro próspero já projetado em sua mente desde a sua infância. Nick enaltece Gatsby, pois percebe o sacrifício com que se empenha em manter uma aura mística sobre Daisy, aspecto que havia se perdido nos anos 20 no contexto americano da necessidade de acúmulo desenfreado de bens materiais.

No contexto extradiegético do romance, percebe-se que a aceleração da produção industrial provocara uma ruptura, uma passagem mais acelerada do tempo. A crise gerada pelo contexto das duas guerras mundiais criava um colapso no sistema de crenças, na percepção do tempo que passara a ser fragmentado, marcado por lacunas. A

---

<sup>12</sup> *“Out of the corner of his eye, Gatsby saw that the blocks of the sidewalks really formed a ladder and mounted to a secret place above the trees- he could climb to it if he climbed alone, and once there he could suck on the pap of life”.*

<sup>13</sup> *“[...] how grotesque thing a rose could be”.*

Modernidade priorizava a velocidade e a ação que foram associados ao princípio masculino, ao *self-made man* que vende sua alma ao Deus do dinheiro. O sucesso financeiro era requisito e passaporte de entrada para a alta sociedade americana no universo de Fitzgerald, o que envolve também especificidades étnico-raciais. Gatsby era, aos olhos do seu narrador Nick, a exceção que trazia de volta o idealismo, o espírito pueril ao Sonho Americano.

Porém, Nick reconhece a impossibilidade de mobilidade social duradoura para Gatsby, pois sabe da impossibilidade de ação por parte de Daisy presa ao seu espaço, ao seu local de nascimento e à posição social. Ao final da narrativa, a morte de Gatsby é necessária para manter vivo o Sonho na qualidade de infinito desejo, de Gatsby por Daisy, da passagem do tempo em relação ao espaço. Trata-se, nas palavras do narrador, de uma “*estória do Oeste*” (FITZGERALD, 1925, p. 183, trad. livre). O Oeste é uma projeção metonímica do espaço reservado ao imigrante nos Estados Unidos da América no período de Fitzgerald. Nesse contexto, o Meio-Oeste, espaço em que Nick reside, é o único local sagrado no romance, o que representa um posicionamento político que associa espaço a poder e moralidade.

## 2. América: a Arcádia

O romance denuncia o desequilíbrio entre os ideais pastorais e o materialismo no Sonho Americano. A ideia de uma jornada de redenção para longe da sociedade e em direção à natureza fora criada como uma profecia no contexto americano. Desse modo, Leo Marx em *The Machine in the Garden* (2000) retratara a evolução do Idealismo pastoral na América. Segundo o autor, foi durante o período renascentista que os pintores descobriram o “jardim” representando uma mística Arcádia<sup>14</sup>. No contexto da literatura americana, o termo “pastoral” era a “reconciliação entre o selvagem e o racional, a natureza e a civilização” (VOGT, 2006, p. 78). Em 1785, um panfleto intitulado *The Golden Age* foi publicado com uma explícita conexão entre a América e o ideal pastoril. Isso gerou a esperança de encontrar na América o que na Europa estava reservado apenas para uma determinada classe social. A Arcádia tornou-se a América, descrita como uma terra pacífica, sem distinções entre classes, com magníficas paisagens rurais no lado Oeste e urbanas no lado Leste. De acordo com Leo Marx

---

<sup>14</sup> Arcádia é uma unidade regional da Grécia, localizada na península do Peloponeso, ao sul do país. O nome remete ao semideus Arcas, filho de Zeus e da ninfa Calisto. O nome foi associado a um ideal de beleza e tranquilidade na vida do campo junto à natureza.

(2000), no mesmo ano, Thomas Jefferson publicou *Notes on Virginia* (1785) apresentando a ideia do paraíso rural. No entanto, o progresso vindo do Leste, da Europa, demandava a imposição do sistema industrial, a nação agrária abria espaço para a era industrial e tecnológica. O ideal do “jardim” foi, assim, reajustado e projetado para o futuro, bem como, para o passado, para os primórdios da colonização territorial. O período da Velha República passou a produzir histórias sobre o Velho Oeste. Por outro lado, a máquina passou a ser símbolo do poder nacional. Sonhos de paz, igualdade e liberdade eram substituídos pelo acesso aos recursos tecnológicos.

No romance, a missão de Gatsby é recuperar o sentido místico e metafísico do Sonho Americano, aspecto tão negligenciado pela sociedade americana na época. No romance, o cartaz que representa os olhos de T.J. Eckleburg é uma propaganda de venda de óculos no Vale das Cinzas, área pobre e industrial em que vive a amante de Tom. O fato de Tom ter uma amante no Vale das Cinzas indica a decadência dos valores morais americanos, bem como a redução ao universo de consumo. A propaganda funciona como um alerta de que “Deus” fora substituído pelos símbolos do materialismo. “Os olhos de T.J. Eckleburg esmaeciam um pouco por causa dos vários dias sem pintura, sob sol e chuva, meditavam sobre o solo de despejo solene”<sup>15</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 29, trad. livre).

Há o desejo de reconciliação entre o pastoral e a sociedade capitalista. De acordo com Marx (2000), o protagonista Gatsby tenta mover da simplicidade para a sofisticação, do Oeste para o Leste. Sua persistência, determinação e coragem individual são compreendidas apenas em relação ao seu sonho. Por outro lado, o Vale das Cinzas é o resultado da industrialização que torna o enriquecimento de Gatsby possível. As máquinas, assim como o carro de Gatsby, com o qual Daisy atropela a amante de Tom, são forças que trabalham contra o sonho pastoral. Gatsby acreditava na possibilidade de renovação, de encontrar seu paraíso. No entanto, precisava ser eliminado, “sacrificado” para sua ilusão permanecer como um ideal pastoral.

Gatsby é assassinado por Wilson, um mecânico, morador do Vale das Cinzas, em um ato de vingança por acreditar que estava dirigindo o carro que atropelara sua esposa Myrtle, a amante de Tom. Wilson não sabia que era Daisy quem dirigia o carro no momento do acidente, nem que sua esposa Myrtle era amante do marido de Daisy. Quando Myrtle corria em direção ao carro, esperando encontrar Tom no volante,

---

<sup>15</sup> “*The eyes of T. J. Eckleburg dimmed a little by many paintless days, under sun and rain, brood on over the solemn dumping ground*”.

deparara-se com Daisy que a matara atropelada, dirigindo o carro de Gatsby. Tom aproveitara-se da situação para avisar Wilson de que o carro era de Gatsby, com o intuito de que o mecânico considerasse o protagonista como o responsável pela morte de Myrtle. Tom sabia que Gatsby jamais revelaria que a motorista havia sido sua amada Daisy. Após toda a confusão, Gatsby escondera seu carro e esperava por um telefonema de Daisy dizendo que finalmente abandonaria Tom para viver com ele. Com um tiro disparado por Wilson, Gatsby morre antes de perceber que jamais receberia essa ligação, pois Daisy partira com Tom e a filha do casal. De qualquer modo, no contexto da narrativa, Gatsby morre acreditando em seu Sonho.

Com a morte de Gatsby, Nick desiludido passa por Long Island pela última vez. Explica o destino de Gatsby, associando-o a um sonho transcendental americano permeado por ilusões pastorais: “Nós dirigimos sobre a Quinta avenida, tão quente e suave, quase pastoral, no verão da tarde de domingo, que eu não ficaria surpreso em ver um grande floco de ovelhas brancas dobrando a esquina”<sup>16</sup> (FITZGERALD, 1925, p, 134, trad. livre).

A ilusão de Gatsby na condição de herói individual vai além do imaginário de mobilidade social, pois ele acredita possuir o poder de mudar seu passado, omitindo sua origem humilde e seu histórico migrante. Percebe que esse seria o único modo de transformar seu previsível futuro. Por outro lado, o narrador teme por Gatsby, pois reconhece a impossibilidade de alcance desse objetivo. Na inocente ingenuidade em que Gatsby está mergulhado, Nick compreende que o desejo pelo Sonho só se mantém graças à sua irrealidade, à impossibilidade de seu alcance, o que reforça o caráter heróico de Gatsby que, em última instância, morre para que o Sonho mantenha-se vivo no imaginário ocidental. Nick valoriza o idealismo do protagonista, em contraste ao vazio do materialismo expresso na constituição identitária de Daisy.

A narrativa de Fitzgerald desafia a possibilidade de concretização do Sonho Americano na mesma medida em que promove o seu resgate. Através de Gatsby, mostra que não há reconciliação entre o *self-made man* e a pureza do “paraíso perdido”, ou seja, não há esperança de igualdade social para uma sociedade baseada na busca por riquezas e privilégios. Há, nesse sentido, uma metonímica relação entre o Oeste e a simbologia referente à América: “Eu vejo agora que isso foi uma estória do Oeste, afinal de contas- Tom e Daisy, e Jordan, e eu éramos todos do Oeste e talvez nós

---

<sup>16</sup> “We drove over to Fifth Avenue, so warm and soft, almost pastoral, on the summer Sunday afternoon, that I wouldn’t have been surprised to see a great flock of white sheep turn the corner”.

possuíssemos uma deficiência em comum que nos tornava sutilmente inadaptáveis para a vida no Leste”<sup>17</sup> (FITZGERALD, 1925, p. 183, trad. livre).

A romântica imagem dos primeiros colonizadores harmoniosamente conquistando o novo mundo, o paraíso perdido, a terra virginal reforça a ilusão de uma experiência que foi criada na linguagem e que, portanto, não pode ser localizada na materialidade histórico-discursiva. Nick alerta Gatsby de que “não se pode mudar o passado”<sup>18</sup> (FITZGERALD, 1975, p.117, trad. livre). *The Great Gatsby* materializa um desejo de encantamento, de renovação que a brutalidade do contexto americano expresso no romance é incapaz de atender. Há a sugestão de que as possibilidades democráticas da “terra prometida” envolvem a permanência do Sonho enquanto ideia.

A ficção de Fitzgerald faz parte de um projeto de reconstrução de uma identidade nacional baseada na luta de uma classe anglo-saxã no topo da sociedade seguindo uma ideologia de sucesso financeiro. O romance sugere que o Sonho é para todos, no entanto, também alerta sobre sua possibilidade de realização apenas para alguns cuja origem está associada a uma tradição elitista puritana. O herói é o que aceita morrer pelos outros. O romance mostra quem vai para a guerra e quem fica, em um sistema desigual. Enquanto Gatsby está na guerra, Daisy casa com Tom. O herói posiciona-se a favor das demandas capitalistas que escapam de seu controle. Segue seu “pai”, a sociedade capitalista de consumo, para tornar-se um *self-made man* sempre em busca de um inalcançável Sonho.

### Considerações Finais

Como o desejo depende do impedimento, a morte mantém a crença de Gatsby no seu Sonho. Por outro lado, há a ideia de que o herói morre por causa de uma mulher. Daisy é culpada como historicamente mulheres foram consideradas culpadas pelas frustrações masculinas. Ele morre reforçando a luta americana por territórios como um exemplo de coragem e fé em uma promessa antiga e profética: o direito americano de expandir para outros espaços o seu modo de vida como um ideal atemporal. A narrativa reforça o discurso de hegemonia cultural em que o herói se sacrifica por uma mulher, metonimicamente representando o Sonho e a nação americana: objetos de um desejo masculino heteronormativo de sucesso e conquista territorial, além de corporal.

---

<sup>17</sup> “I see now that this has been a story of the West, after all- Tom and Daisy, and Jordan, and I were all Westerns, and perhaps we possessed some deficiency in common which made us subtly inadaptable to Eastern life”.

<sup>18</sup> “One cannot change the past”.

A mulher é, assim, o espaço. Os peitos abertos e cortados de Myrtle como consequência do acidente que a matara contrastam com o “peito novo e fresco do Novo Mundo” de Daisy. A metonímica imagem do corpo da mulher representa uma sugestiva revisão do Sonho Americano. Aos olhos de Nick, a mulher de origem humilde é massacrada, enquanto a rica parte impune com seu “frescor imaturo”. A primeira é associada à vulgaridade, enquanto a segunda, à beleza, à Arcádia. Gatsby morre para que Daisy, idealizada em seu espaço-corpo e o atemporal Sonho Americano continuem cada vez mais vivos no imaginário coletivo.

Conclui-se que *The Great Gatsby*, apesar de ser um clássico da literatura americana já muito explorado, ainda demanda novos olhares sobre essas e outras questões que revelam uma posição autoral patriarcal que reinscreve a mulher em um espaço a ser conquistado e dominado. Os efeitos dessa narrativa no público-leitor urgem por novas análises referentes às imposições estabelecidas pelo pertencimento de personagens a determinados espaços sociais, bem como, às implicações extradiegéticas desse imaginário patriarcal e heteronormativo nas formações identitárias.

## Referências

- BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad: Studies in American Thought and Culture*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2012.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FITZGERALD, F. Scott. *The Great Gatsby*. 1. Ed. New York: Scribner, 1925.
- LAURETIS, Tereza de. *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- MARX, Leo. *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: Oxford University Press, 2000.
- MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2013.
- MURRAY, Patrick. *Literary Criticism: a Glossary of Major Terms*. New York: Longman, 1978.
- VOGT, Loiva S. *A Study of The Great Gatsby as a National Allegory*. Porto Alegre. 2006. 104 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

\_\_\_\_\_. The Great Gatsby and Its Allegorical Meaning. *Revell: Revista de Estudos Literários da UEMS*. Vol. 3, N.23, p. 408-427. 2019.